



**A TRAJETÓRIA DA PECUÁRIA BOVINA BRASILEIRA**  
**THE TRAJECTORY OF BRAZIL'S BEEF CATTLE**  
**LA TRAYECTORIA DE LA GANADERÍA BRASILEÑA**

**Jodenir Calixto Teixeira**

Professor Assistente do Curso de Geografia pelo CPNA/UFMS. Rodovia MS 134, km 3, Universitário, CEP: 79.750-000, Nova Andradina-MS.  
E-mail: jodenir.teixeira@ufms.br

**Antonio Nivaldo Hespanhol**

Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Presidente Prudente. Rua Roberto Simonsen, 305, CEP: 19.060-900, Presidente Prudente-SP.  
E-mail: nivaldo@fct.unesp.br

**Resumo:**

A pecuária bovina exerceu importante papel no desenvolvimento econômico do Brasil desde a sua colonização, sendo relevante até hoje. Nos últimos anos, as tradicionais regiões de pecuária vêm cedendo espaço à exploração de culturas que proporcionam maior rentabilidade por área e a criação de gado bovino tem se deslocado para as zonas de expansão da fronteira agrícola, notadamente nos estados amazônicos. O Brasil é um grande produtor e exportador de carne bovina, permanecendo na primeira posição no *ranking* mundial na produção para fins comerciais, pelo fato da Índia, que possui o maior efetivo bovino não utilizar totalmente o seu rebanho para fins econômicos. Esse texto tem o objetivo de analisar, sucintamente, a evolução e a espacialização da bovinocultura no Brasil, com ênfase no Centro-Oeste do país.

**Palavras-chaves:** pecuária, economia, produção.

**Abstract:**

Beef cattle has played an important role in Brazil's economy since the outset of its colonization, remaining germane until present times. Over recent years, traditional cattle regions have been ceding space to crops that provide greater profitability per area and cattle raising has shifted to agriculture expansion zones mainly in states located in the Amazon region. Brazil is a major beef producer and exporter, ranked first in the world in commercial production, since India, which has the largest herd of cattle, does not use its entire herd for economic purposes. This text aims at briefly analyzing the evolution and the land use of cattle raising in Brazil, most especially in the country's Midwest.

**Keywords:** cattle raising, economy, production.

**Resumen:**

La ganadería ha desempeñado un papel importante en el desarrollo económico de Brasil desde su colonización, siendo relevantes en la actualidad. En los últimos años las regiones tradicionales de ganado han dado paso a los cultivos agrícolas que proporcionan una mayor rentabilidad por unidad de superficie y la ganadería se ha desplazado a las zonas de expansión de la agricultura, especialmente en los estados amazónicos. El Brasil es un importante productor y exportador de carne de vacuno, que queda en la primera posición en la clasificación mundial en la producción con fines comerciales, a causa de la India, que tiene el mayor rebaño bovino que no se utilice plenamente su rebaño con fines económicos. Este texto pretende analizar brevemente la evolución y distribución espacial de ganado en Brasil, con énfasis en la región central del país.

**Palabras clave:** la ganadería, la economía, la producción.

## **Introdução**

A pecuária possui grande importância na economia brasileira e começou a ser desenvolvida no século XVI, na terceira década após o início do processo de colonização. A atividade exerceu forte influência na expansão econômica, destacando-se na pauta das exportações e, também, é importante no abastecimento do mercado interno.

A atividade pecuária continua sendo praticada, em grande parte, no sistema tradicional de criação, ou seja, o gado é criado solto em pastagens naturais ou plantadas no sistema extensivo, a despeito da intensificação do processo de modernização agropecuária no país, a partir da década de 1960.

Nas últimas décadas, porém, foram introduzidas novas técnicas produtivas na pecuária bovina, mas tais avanços ainda são limitados, pois muitos pecuaristas do Centro-Sul do país têm concedido as suas terras em arrendamento para o cultivo de produtos que proporcionam maior rentabilidade por área cultivada, a exemplo dos grãos, notadamente soja e milho, da cana-de-açúcar e da silvicultura, principalmente eucalipto para a produção de celulose.

A pecuária bovina desloca-se progressivamente para as novas áreas de fronteira agrícola, em substituição às áreas anteriormente florestadas, ao mesmo tempo em que há a redução do rebanho paulista e de vários estados da região Nordeste do país.

Este texto foi elaborado com base em revisão bibliográfica e no levantamento de dados de fonte secundária. O seu objetivo principal é analisar a evolução e participação da pecuária bovina no processo de desenvolvimento econômico do país, buscando, assim, refletir sobre um tema pouco estudado no âmbito da Geografia.

## **Evolução e espacialização da pecuária bovina no Brasil**

Desde o início do processo de colonização do território brasileiro a atividade pecuária desempenhou papel importante na estrutura produtiva. Inicialmente foi primordial no abastecimento dos núcleos urbanos e, posteriormente, expandiu-se em direção ao sertão nordestino, onde o gado passou a ser criado solto em pastagens naturais.

Os primeiros bovinos foram introduzidos na Capitania de São Vicente (São Paulo) em 1534, enviados de Portugal por Dona Ana Pimentel, esposa e procuradora de Martim Afonso de Sousa. Em 1535, Duarte Coelho introduziu os bovinos em Pernambuco; posteriormente outros donatários fizeram o mesmo (ADAS, 1983, p.240).

De acordo com o mesmo autor, dentre os fatores que levaram a introdução e expansão do gado bovino no Nordeste, destacaram-se: a) relevo sem barreiras, facilitando os deslocamentos do gado; b) abundância de pastagens naturais; c) depósitos de sal-gema, importantes para a alimentação do gado; d) disponibilidade de água do rio São Francisco; e) exigência de reduzidos investimentos para a composição e custeio dos rebanhos e; f) mercado consumidor garantido tanto para o couro como para a carne, representado pelos engenhos.

A outra direção que toma a progressão das fazendas de gado depois de atingido o rio São Francisco, é para o Norte. O rio é transposto, e em fins do século XVII começa a ser ocupado o interior do atual Estado do Piauí. As condições naturais já são aí melhores que no setor ocupado anteriormente: pluviosidade mais elevada e melhor distribuída, cursos de água permanentes. Daí também uma forragem natural de melhor qualidade. As fazendas do Piauí tornar-se-ão logo as mais importantes de todo o Nordeste e a maior parte do gado consumido na Bahia provinha delas, embora tivesse de percorrer para alcançar seu mercado cerca de mil e mais quilômetros de caminho (PRADO JÚNIOR, 1987, p.66).

As fazendas continuaram a se expandir, atingindo os Estados do Maranhão e Ceará. Dessa forma, a ocupação do Nordeste se completou, de maneira irregular.

Sobre a questão, Medeiros Neto (1970, p. 46) afirma:

Iniciada a colonização lusa, em seguida tratou-se de introduzir no Brasil o gado bovino, visando inicialmente colaborar com a cultura canavieira, grande fonte de riqueza da época, porquanto os bois eram indispensáveis aos engenhos e para a alimentação dos que neles trabalhavam.

No século XVIII o sertão nordestino alcançou o seu apogeu no desenvolvimento pecuário, abastecendo os grandes centros populosos desde o Maranhão até a Bahia. No entanto, a produção foi seriamente prejudicada pela escassez de água dessa região (PRADO JÚNIOR, 1987).

No sul do Brasil, a criação de bovinos foi desenvolvida inicialmente pelos padres jesuítas, nas missões próximas ao rio Uruguai. Com o tempo, a criação se multiplicou, espalhando-se por toda a região Sul, o que originou várias estâncias. No

princípio do século XVII o rebanho brasileiro já alcançava 1.500.000 cabeças (MEDEIROS NETO, 1970).

Em virtude do crescimento do rebanho brasileiro, em 1701 foi publicada uma carta régia proibindo a criação de gado no litoral. A criação somente poderia ser realizada além de dez léguas da linha da costa, para evitar que o gado estragasse as plantações de cana-de-açúcar. Assim, a criação deslocou-se para o interior do território brasileiro (MEDEIROS NETO, 1970).

Outro fator responsável pelo deslocamento da criação de gado bovino para o interior do país foi, sem dúvida, a expansão da atividade mineradora em áreas pertencentes aos atuais estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Com o deslocamento de populações se formava um mercado consumidor de carne, leite e couro.

De fato, o vaqueiro, o peão, enfim o pecuarista, com o tropeiro, substituíram o bandeirante como fator de expansão e unidade nacional, abrindo caminhos, ligando centros produtores aos consumidores, aproximando o sertão do litoral, transportando mercadorias, levando notícias e correspondências, numa obra gloriosa de fixação do colono ao solo e de progresso rural iniludível (MEDEIROS NETO, 1970, p. 52).

A pecuária desenvolveu-se significativamente, chegando a ocupar posição de destaque, inclusive com a exportação de couro nos séculos XVIII e XIX.

O Sul destacou-se na criação de bovinos tendo, desde o período colonial, a pecuária como base econômica, favorecida pelos vastos campos naturais. O gado multiplicou-se rapidamente em relação às outras regiões da colônia, embora sem tratos especiais (ADAS, 1983).

Uma das atividades que favoreceu a organização da pecuária do Sul foi o surgimento das charqueadas. Em 1793, segundo Prado Júnior (1987), o Rio Grande do Sul exportava 13.000 arrobas de charque e nos primeiros anos do século seguinte chegava a exportar 600.000 arrobas desse produto.

Porém, em se tratando de desenvolvimento técnico, a pecuária brasileira nos períodos colonial e imperial manteve-se em precárias condições, apesar do aumento no seu efetivo.

### **A pecuária bovina brasileira a partir do Século XX e a consolidação da atividade no Centro-Oeste brasileiro**

De acordo com Medeiros Neto (1970), somente no início do século XX foram tomadas medidas oficiais para facilitar a importação de reprodutores visando a melhoria

do plantel, implantando parques frigoríficos, estabelecendo o Serviço de Veterinária do Ministério da Agricultura, no ano de 1910, e criando escolas de laticínios e postos zootécnicos.

Com a expansão da criação de bovinos no Brasil, algumas regiões destacaram-se nessa atividade, tais como: o Rio Grande do Sul, o Triângulo Mineiro e a ilha de Marajó.

No Rio Grande do Sul, foram introduzidas raças europeias com a finalidade de melhorar as espécies bovinas, como: Hereford, Devon, Polled Angus, Holandês, Charolês, Santa Gertrudes e Shorthorn. No Triângulo Mineiro foi introduzido o gado indiano (zebu), que se adaptou muito bem às condições regionais e aí conseguiu-se uma raça brasileira, a Indu-Brasil. Nessa área destacam-se como raças mais criadas: Gir, Nelore, Gurezã e Indo Brasil. Na ilha de Marajó foi introduzido o gado bufalino, vindo da Índia, que se adaptou muito bem às condições regionais, apresentando resistência às doenças, além de grande rendimento (ADAS, 1983, p. 241).

Apesar do crescimento considerável da pecuária bovina brasileira desde o período colonial, somente a partir da década de 1960 passou a ocorrer maior expansão da atividade no país. Nos anos 1960 foram introduzidas novas raças, como resultado da política de governo para esse setor, além de melhorias na criação. O Programa Nacional da Pecuária contribuiu para a expansão das áreas de pecuária no Norte e Centro-Oeste, visando regularizar o abastecimento de carne no país e dispor de excedentes para exportação (MEDEIROS NETO, 1970).

A região Centro-Oeste apresentou maior expansão do efetivo bovino a partir da década de 1960, em virtude de possuir vantagens naturais para o desenvolvimento dessa atividade, tais como vastas áreas de campos e cerrados, além de sua localização no centro do país, o que facilita a ligação com as outras regiões, onde se encontram os maiores mercados consumidores, principalmente com o Sudeste.

No entanto, a expansão da pecuária bovina no Centro-Oeste do país não foi acompanhada pela melhoria nos sistemas de criação, permanecendo com caráter extensivo, sendo que a expansão do rebanho se deveu basicamente à incorporação de novas áreas de criação. A pecuária bovina tornou-se fenômeno de âmbito nacional, estando presente em todos os Estados da Federação, apesar de irregularmente distribuída.

No período de 1960 a 1980, de acordo com os dados do IBGE, houve ampliação da área ocupada com pastagens no Brasil, elevando-se de 122,3 para 175,5 milhões de hectares.

Nesse contexto, a região Centro-Oeste, a partir da década de 1960, apresentou crescimento na produção acima da média nacional, tendo grande participação o Estado de Mato Grosso do Sul. Esse fato é explicado pela migração de criadores de outras regiões para o Centro-Oeste, incentivados pelas políticas oficiais que estimulavam, principalmente, as lavouras para a exportação, mas que favoreceu também a atividade pecuária. Porém, o avanço se deu unicamente com a expansão das áreas de pastagens e a criação se manteve irregularmente distribuída na região (VIEIRA, 1960).

Cabe ressaltar que a atividade pecuária, principalmente a destinada ao corte, concentra-se nas grandes propriedades.

A pecuária destinada à produção de leite apresentou considerável aumento a partir dos últimos anos do século XX, porém não se distribuiu regularmente, havendo maior concentração na região Sudeste, apesar de ter ocorrido significativa expansão para o Centro-Oeste. Outro fator a ser considerado é a variação sazonal, diante da redução de cerca de 50% no período do ano com menores índices de precipitação (entre março e setembro), segundo dados do IBGE, em grande parte do país. A produção leiteira é realizada principalmente em pequenos e médios estabelecimentos rurais.

A expansão observada na pecuária bovina nas últimas décadas do século passado, com significativo crescimento do efetivo, não decorreu da melhoria do padrão tecnológico, mas da ampliação das áreas de pastagens. Segundo o IBGE, em mais de 90% dos estabelecimentos predominou a criação extensiva, nos quais o gado é criado solto nas pastagens plantadas, com pouco acompanhamento técnico-veterinário e reduzida incorporação de mão de obra.

Um bom exemplo é o Centro-Oeste, pois muitos municípios dessa região se voltaram quase que totalmente a esta atividade. A região dispõe de extensas áreas de planaltos com altitudes médias e clima tropical que são altamente favoráveis ao desenvolvimento da pecuária.

Vieira e Farina (1987) afirmam que o gado começou a penetrar no Centro-Oeste no final século XVIII, favorecida pela sua rede hidrográfica. O Estado de Goiás apresentou, inicialmente, a maior expansão da pecuária, se tornando o grande produtor de carne bovina e derivados no século XIX. De Goiás se expandiu para os outros Estados, se concentrando principalmente no sul do Pantanal de onde se espalhou por toda a região, favorecendo a ocupação humana, ainda que de forma dispersa.

Por volta de 1890 foi introduzida, na região, a raça Zebu, dando impulso na criação e melhorando o padrão genético dos animais. Inicialmente essa raça não foi

bem aceita, tornando-se gado bravo no pantanal matogrossense, mas em pouco tempo conseguiu se firmar, sendo consagrado como o “boi dos trópicos” (MEDEIROS NETO, 1970).

Depois da penetração da ferrovia no sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), as atenções se voltaram para a pecuária bovina, pois a linha férrea facilitou a comercialização do gado. Para Benites (2000), a pecuária na região Centro-Oeste sempre esteve em expansão, com exceção do período da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Do período colonial até o início do século XX, a atividade pastoril foi organizada de acordo com o modelo de ocupação agrícola dominante como sendo fornecedora de alimento fundamental para a dieta das populações em relação à atividade econômica fundamental, cujos interesses não se confundiam entre si. A fase de 1915 a 1984 identificou-se por contribuir para alterar esse modelo e reorientar os objetivos da economia pastoril de corte, visando o atendimento do mercado internacional (BENITES, 2000, p. 40).

Apesar do predomínio da criação extensiva de bovinos no Centro- Oeste, a partir dos últimos anos do século XX passou a haver melhoria significativa no sistema criatório. Porém, o que realmente contribuiu para a expansão dessa atividade foi a introdução das pastagens plantadas, com destaque para a brachiária.

As transformações ocorridas nos últimos anos no mercado mundial de carne exigem cada vez mais melhorias na qualidade desse produto. Sendo assim, as inovações tecnológicas e cuidados com o rebanho são fundamentais para a adequação às exigências do mercado.

Conforme Euclides (1998, p.100):

No mercado internacional a pecuária de corte brasileira apresenta a vantagem competitiva do baixo custo de produção. Isso resulta do fato de ela ser baseada em pastagens, que vêm ainda sendo manejadas como mananciais inesgotáveis de nutrientes passíveis de serem transformados em baixos custos em proteína animal. No entanto, o aumento da competitividade não só por preço, mas também por qualidade, impõe mudanças no setor.

Para esse autor, o baixo valor nutritivo das forrageiras tropicais está associado ao reduzido conteúdo de proteína e minerais, bem como ao alto conteúdo de fibra e a baixa digestibilidade.

Verifica-se, na tabela 1, o baixo valor nutritivo apresentado por algumas espécies de gramíneas normalmente utilizadas para a alimentação de gado bovino no

Brasil, incluindo duas espécies de brachiária que tiveram seu emprego intensificado a partir, principalmente, da década de 1970.

**Tabela 1: Quantidade média de proteína bruta e digestibilidade *in vitro* da matéria orgânica de cultivares utilizadas em pastagens brasileiras.**

Gramíneas	Proteína Bruta (%)		Digestibilidade <i>In Vitro</i> da Matéria Orgânica (%)	
	Período Chuvoso	Período Seco	Período chuvoso	Período seco
Colonião	19,0	9,5	65,7	54,2
Tobiatã	16,0	9,1	57,6	54,4
Tanzania	16,1	7,4	61,3	56,7
Brachiária Decumbens	9,2	6,7	59,9	53,7
Brachiária Brizantha	9,3	6,2	61,2	51,5

Fonte: Euclides (1998, p.102).

Há muitas variações entre as diferentes gramíneas, porém a brachiária apresenta valor nutritivo bem inferior as demais.

### **Melhoria do padrão técnico da pecuária bovina brasileira**

Nos últimos anos, o avanço no cuidado técnico com o rebanho vem apresentando avanços no que concerne:

- ao melhoramento genético dos animais;
- à nutrição e sanidade animal;
- ao melhoramento genético de pastagens.

Porém, essas melhorias atingiram apenas pequena parte dos produtores brasileiros.

Na década de 1990 essas inovações tecnológicas na bovinocultura se fizeram sentir com mais intensidade. Porém, desde meados dos anos 1960, o processo de evolução vem ocorrendo, com o desenvolvimento da indústria de carnes e a modernização dos frigoríficos (EUCLIDES, 1998).

A pesquisa e a produção tecnológica, principalmente relacionada ao controle do material genético, ao manejo e a organização da produção estiveram a cargo, quase que totalmente, do capital internacional.

Segundo Mazzali e Costa (1998), o primeiro surto modernizador do segmento de carne bovina ocorreu no período de 1968-1973, com modificações na estrutura técnico organizacional da produção. Esse processo foi favorecido pelo Estado,

por meio da política de estímulo ao setor. Porém, essas alterações não mudaram o seu caráter extensivo.

A bovinocultura não acompanhou os avanços ocorridos na suinocultura e na avicultura, atividades que se modernizaram muito mais rapidamente em decorrência da maior integração com os abatedouros. Além disso, o aumento do consumo de carne suína e de aves, nos últimos anos do século XX, provocou a diminuição no consumo de carne bovina.

Nos anos de 1990, observou-se o deslocamento de várias unidades de abate de bovinos das regiões Sul e Sudeste para o Centro-Oeste, com forte expansão desse setor, nessa região, em virtude dos atrativos exercidos pelo Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO) e dos incentivos fiscais concedidos pelos Estados.

Fez-se o controle sanitário mais rigoroso, visando, principalmente, à exportação do produto. A exigência da articulação entre pecuaristas, frigoríficos e o mercado consumidor final, também se tornou cada vez mais forte.

O efetivo do rebanho bovino do país apresentou incremento de 43,6%, entre 1990 e 2012, conforme se verifica na tabela 2, com grandes diferenças de desempenho entre os Estados da federação. Nesse período, ocorreu grande expansão dos rebanhos dos estados de Rondônia, Acre, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Amapá e Roraima e significativa redução do efetivo em vários Estados da região Nordeste, além do Estado de São Paulo. Nos Estados de Rondônia e Acre o incremento do efetivo bovino, nesse período, foi superior a 500% e, nos Estados de Mato Grosso e Pará, os respectivos rebanhos foram duplicados. Em contrapartida, houve retração do efetivo bovino em seis dentre os nove Estados nordestino, bem como em São Paulo e no Distrito Federal, no mesmo período.

**Tabela 2: Efetivo bovino no Brasil: 1990 - 2012 (em milhares de cabeças)**

Estados	1990	1995	2000	2005	2010	2012	Variação (%)
Rondônia	1719	3928	5664	11349	11842	12218	610,9
Acre	400	471	1033	2313	2578	2634	558,5
Mato Grosso	9041	14154	18925	26652	28757	28741	217,9
Pará	6182	8058	10271	18064	17633	18605	201,0
Amazonas	637	806	843	1197	1361	1446	126,9
Amapá	70	93	83	97	115	143	105,2
Roraima	161	282	480	507	577	686	98,6
Maranhão	3900	4162	4094	6449	6980	7491	92,1
Tocantins	4309	5544	6142	7962	7994	8082	87,6
Espírito Santo	1665	1968	1825	2027	2195	2285	37,3
Alagoas	891	834	779	985	1220	1221	37,1

Santa Catarina	2994	2993	3051	3377	3986	4073	36,0
Goiás	17635	18492	18399	20727	21348	22046	25,0
Minas Gerais	20472	20146	19975	21404	22698	23966	17,1
Rio de Janeiro	1924	1905	1959	2093	2161	2198	14,2
Mato Grosso do Sul	19164	22292	22205	24504	22354	21498	12,2
Sergipe	1030	797	880	1005	1118	1156	12,2
Paraná	8617	9389	9646	10153	9411	9414	9,3
Ceará	2621	2266	2206	2299	2546	2715	3,6
Rio Grande do Sul	13715	14259	13601	14240	14469	14141	3,1
Pernambuco	1966	1362	1516	1909	2383	1896	-3,6
Distrito Federal	106	123	112	102	101	100	-5,2
Rio Grande do Norte	956	722	804	978	1065	858	-10,3
Bahia	11505	9841	9557	10463	10528	10251	-10,9
São Paulo	12263	13148	13092	13421	11198	10757	-12,3
Piauí	1974	2135	1779	1827	1680	1690	-14,4
Paraíba	1345	1054	953	1053	1243	967	-28,1
<b>Brasil</b>	<b>147263</b>	<b>161228</b>	<b>169876</b>	<b>207157</b>	<b>209541</b>	<b>211279</b>	<b>43,6</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal de 1990, 1995, 2000, 2005, 2010 e 2012

Dados do IBGE também nos revelam que as exportações aumentaram nos últimos anos do século passado e, de maneira inversa, diminuíram as importações e o consumo interno, conforme demonstrado na tabela 3.

Nota-se, também, na tabela 3, uma redução no mercado interno, entre 1997 e 1999, mas a expansão foi retomada nos anos 2000. O mercado interno continua sendo o principal destino da carne bovina brasileira, mas tem havido significativa expansão das exportações, sendo que, no ano de 2006, quase ¼ da produção nacional de carne bovina foi exportada.

**Tabela 3: Exportação, importação e consumo interno de carne bovina no Brasil (1997, 1999 e 2006)**

	1997	1998	1999	2006
<b>Exportações</b>				
Quant (M Ton. Eq. Carc.)	287	370	610	2.200
% Produção	4,4	5,8	9,1	24,3
<b>Importações</b>				
Quant (M Ton. Eq. Carc.)	112	79	25	28,5
% Produção	1,7	1,2	0,4	0,3
<b>Consumo Interno</b>				
Quant. (M Ton. Eq. Carc.)	6.350	6.131	6.082	6.881
% Produção	97,3	95,5	91,2	76,0

Fonte: IBGE – Anuário da Pecuária de 1999 e Conselho Nacional da Pecuária de Corte  
M Ton. Eq. Carc. = Milhares de toneladas de equivalentes carcaças

Em relação aos avanços genéticos, na década de 1990, intensificou-se a técnica de fertilização “*in vitro*” de embriões, pré determinando o sexo do animal. A

grande vantagem sobre a inseminação artificial é que qualquer vaca passa a ter condições de ser geradora, além de se poder escolher a raça e o sexo do animal.

De acordo com Camargo Neto (1998), algumas tecnologias só têm sentido quando se usa em escala comercial com a formação de alianças. A aliança entre produção, industrialização e comercialização de carne bovina é explicada pela necessidade de rastrear o produto desde a gôndola ao pasto, proporcionando ao consumidor a garantia da qualidade do produto. Apesar de parte dos consumidores ainda não ser cuidadosa na escolha da carne que consome, uma parcela considerável vem demonstrando maiores preocupações com esse produto, além dos órgãos de fiscalização sanitária estarem cada vez mais exigentes.

Na década de 2000, ocorreram algumas alterações nas áreas de criação. Regiões tradicionais de bovinocultura tiveram suas áreas de pastagens reduzidas em decorrência do avanço de outras atividades como, por exemplo, a cana-de-açúcar. Segundo Teixeira *et al* (2010) o Mato Grosso do Sul, primeiro produtor nacional de bovinos até a década de 1990, reduziu consideravelmente sua produção na década de 2000, diante do avanço das plantações de cana-de-açúcar e eucalipto.

Apesar disso, na década de 2000, novos programas de avaliação genética foram desenvolvidos para auxiliar os pecuaristas na escolha e acasalamento de seus reprodutores, com o objetivo de melhorar a qualidade do rebanho e conseguir maior retorno econômico. Assim, a pecuária continuou a ser a principal atividade econômica do país nessa década, ocupando uma área de 172 milhões de hectares, de acordo com os dados do Censo Agropecuário do IBGE referente ao ano de 2006.

A pecuária avançou em outras áreas, principalmente na região amazônica. Segundo Schlesinger (2010, p. 1):

[...] entre 1990 e 2007 a produção de carne bovina mais que dobrou, passando de 4,1 para mais de 9 milhões de toneladas, com ritmo de crescimento bem superior ao de sua população e de seu consumo. Esta combinação de fatores permitiu que o Brasil se tornasse o maior exportador mundial, ultrapassando a Austrália, a partir de 2004.

Assim, observa-se que está ocorrendo o deslocamento da bovinocultura para a região Norte do país, mais distante dos grandes centros consumidores, enquanto as antigas áreas de pecuária das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste têm sido ocupadas por atividades que proporcionam maior rentabilidade por área cultivada, como são os casos da cana-de-açúcar, da soja, do milho e da silvicultura.

## **Considerações Finais**

A pecuária bovina vem exercendo papel importante na economia brasileira desde o período colonial. Mesmo diante das mudanças na produção agrícola, com o avanço da agricultura empresarial e a expansão de novos cultivos, a pecuária continuou sendo a atividade que ocupa a maior área dos estabelecimentos agropecuários do país.

Apesar de sua importância, a bovinocultura no Brasil sempre foi praticada de maneira rudimentar, ou seja, o gado criado solto em pastagens naturais ou plantadas, sem grandes cuidados com o rebanho, com exceção de alguns poucos estabelecimentos.

Essa prática é valorizada pelos países importadores desse produto, pois a carne apresenta melhor qualidade, porém a atividade praticada nestes moldes é pouco rentável, pois o tempo de engorda dos animais é bastante superior ao dos animais alimentados com ração, a exemplo do que ocorre na Europa.

A modernização do setor, porém, exige a ação do Governo e o fim do intervencionismo tradicional. O aumento da produção por intermédio do confinamento, por exemplo, sofre no Brasil a competitividade das pastagens no período de safra, que apresenta melhores preços no mercado. O confinamento, portanto, só se justifica na entressafra.

É necessário aproveitar as vantagens das vastas pastagens e associá-la com a busca de qualidade para o rebanho, admitindo técnicas viáveis de criação e cuidados necessários para que seja possível concorrer no mercado internacional, tanto em relação ao preço como em qualidade. Porém, técnicas modernas como a inseminação artificial e a transferências de embriões são recentes no Brasil e atingem pequena parcela do rebanho.

O aumento da eficiência da pecuária de corte passa necessariamente pela melhoria da qualidade genética dos rebanhos obtida pela escolha dos indivíduos que serão os pais da geração seguinte, direcionando, assim, os acasalamentos.

Assim, a criação de gado se tornou a atividade mais complexa nos últimos anos, embora a modernização seja restrita a poucos estabelecimentos. O setor apresenta-se dividido em moderno e tradicional, pois existem produtores que empregam poucos cuidados técnicos no manejo do rebanho e pecuaristas altamente tecnificados, gerenciando empresarialmente sua atividade.

## **Referências**

- ADAS, Melhem. **Panorama Geográfico do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1983.
- BENITES, Miguel Gimenez. **Brasil Central Pecuário: Interesses e Conflitos**. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2000.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário da Pecuária Nacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário de 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- CAMARGO NETO, Pedro de. **Aliança Vertical na Cadeia de Carne Bovina**. São Paulo: FUNDEPEC, 1998.
- EUCLIDES, Valéria Pacheco Batista. Desempenho Animal em Pastagens. In: **Cursos de Pastagens para Técnicos da Empaer**. Campo Grande: EMBRAPA, 1998, p 100-124.
- MAZZALI, Leonel; COSTA, V. M. H. de Miranda. **Alterações no Padrão Produtivo da Bovinocultura no Brasil: Novo Cenário, Novos Agentes e Novas Estratégias**. In: Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Poços de Calda: Saber, 1998.
- MEDEIROS NETO, José Bernardo de. **Desafio à Pecuária Brasileira**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 35ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SCHLESINGER, Sérgio. **O gado bovino no Brasil**. 2010. Disponível em: [http://www.boell-latinoamerica.org/downloads/Resumo\\_paper\\_pecuaria.pdf](http://www.boell-latinoamerica.org/downloads/Resumo_paper_pecuaria.pdf). Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.
- TEIXEIRA, Jodenir Calixto; FREITAS, Wagner Suzano; AMORIM, Clarismundo José. A produção agropecuária e as novas tendências econômicas do Estado de Mato Grosso do Sul frente ao processo de modernização da agricultura. In: **Anais do XX ENGA – Encontro Nacional de Geografia Agrária**, Francisco Beltrão: Unioeste, 2010.

*Recebido em: 14/01/2014*

*Aprovado para publicação em: 03/07/2014*